



## **ROMPENDO O SILÊNCIO: DISCUTINDO O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZADO NO ENSINO DE HISTÓRIA SOBRE O PRISMA DA TEMÁTICA DA HOMOFOBIA**

LETÍCIA CAMPAGNOLO CAVALHEIRO<sup>1</sup>;  
EDGAR ÁVILA GANDRA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>UFPEl 1 – *le.campagnolo@hotmail.com 1*

<sup>2</sup>UFPEl – *edgargandra@yahoo.com.br*

### **1. INTRODUÇÃO**

A pesquisa objeto desse resumo, que versa sobre a questão do Ensino de História e a homofobia, emergiu como proposta definida/delimitada durante a realização dos estágios, no Ensino Fundamental II e Ensino Médio, do curso de História – Licenciatura da UFPEl. Nestes percebemos como esta temática se faz necessária na sala de aula, pois os estudantes demonstraram interesse significativo em conhece-la e discuti-la, bem como, percebemos de forma concreta a dificuldade que esse tema encontra no contexto escolar. É digno de nota que os estudantes ao falar sobre o assunto, muitas vezes utilizam um tom mais baixo, como "algo suspeito" ou algo que não se deva falar. Exemplificamos quando pronunciaram a palavra "lésbica", que para eles é um termo semelhante a um xingamento. Ficou evidente que esse termo e outros sobre a temática da homofobia são considerados, pelos estudantes, palavras com um sentido hostil e vinculados a preconceitos presentes na sociedade e reproduzidos no ambiente escolar sem a devida reflexão por parte dos educadores. Nesse cenário, o papel do ensino de História deveria ser utilizado no sentido de inclusão e debate como nos afirma Pinsky.

"Nosso aluno, cada aluno, tem de se perceber como um ser social, alguém que vive numa determinada época, num determinado país ou região, oriundo de determinada classe social, contemporâneo de determinados acontecimentos. Ele precisa saber que não poderá nunca se tornar um guerreiro medieval ou um faraó egípcio. Ele é um homem de seu tempo, e isso é uma determinação histórica. Porém, dentro do seu tempo, dentro das limitações que lhe são determinadas, ele possui a liberdade de optar. Sua vida é feita de escolhas que ele, com grau maior ou menor de liberdade, pode fazer, como sujeito de sua própria história e, por conseguinte, da História Social do seu tempo. Cabe ao professor, utilizando-se dos métodos históricos descritos acima, aproximar o aluno dos personagens concretos da História, sem idealização, mostrando que gente como a gente vem fazendo História. Quanto mais o aluno sentir a História como algo próximo dele, mais terá vontade de interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mas como uma prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer. O verdadeiro potencial transformador da História é a oportunidade que ela oferece de praticar a "inclusão histórica"... (PINSKY, 2003)

Nesse contexto, ao observamos a ausência de discussões necessárias sobre a temática em apreço, elaboramos uma proposta de atividade que enfrentasse esses questionamentos e abordasse de forma crítica os preconceitos como o da homofobia. Visto que a própria nomenclatura é desconhecida em sua essência, sendo expressada como se não pudesse ser pronunciada. Essa situação é um elemento de pesquisa, já que, estas atitudes dos educadores de silêncios frente ao preconceito, de não querer tratar, das temáticas preferindo que permaneçam



veladas, caracteriza uma atitude pelo menos defensiva deste mesmo educador. O que estimula um processo de silenciamento sobre os questionamentos complexos e polêmicos, dos quais talvez os educadores não estejam preparados e capazes para refletir criticamente. Nesta perspectiva, ao invés de ser um contraponto a escola acaba se tornando mais um lugar de violência, ignorância e intolerância sobre essa realidade. O esperado de um locus de discussão do conhecimento seria, no nosso entender, atuar como um espaço de construção de diálogo, de respeito, de tolerância. Um elemento que entendemos necessário para uma compreensão equilibrada dessa situação é ação frente ao debate sobre gênero e sexualidade na escola, pois, a educação é um processo que deveria visar a liberdade, o respeito a diferença. Enquanto não nos desafiarmos em trabalhar esta temática, e tantas outras, contribuimos para a formação de pessoas não críticas, incapazes de lidar com realidades adversas, portanto com menor grau de tolerância na convivência social. A escola, dessa forma se torna reprodutora de práticas preconceituosas homofóbicas que acabam sendo mais legitimadas por não serem debatidas, dificultando o entendimento e a aceitação da diversidade na sociedade.

A escola é um espaço de convivência social dos mais amplos na sociedade, em maior ou menor grau, praticamente todos os cidadãos brasileiros vivenciam/vivenciaram este ambiente. Frente a isso fica evidente a ausência desse debate no elevado número de pessoas que praticam/praticaram e defendem a homofobia. Nesse cenário podemos pontuar dois aspectos, o primeiro diz respeito a qualidade de formação de nossos professores, o segundo resulta desse contexto formativo na prática.

Diante do já exposto, ressaltamos que a proposta da pesquisa não se constitui de uma temática nova, busca agregar as mais variadas contribuições que esse tema adquiriu ao longo da história, demonstrando a necessidade de trabalhá-la e o impacto provocado na vida dos agentes sociais no ambiente escolar. A proposta também quer analisar a ausência dessa discussão na disciplina de história. Evidentemente, temos presente que em alguns momentos e conteúdos esse tema poderá estar sendo debatido, no entanto não o vemos como um "mero" tema transversal, que possa ser tratado apenas como um apêndice a ser lembrado em determinadas ocasiões, mas como uma temática que deve perpassar todos os conteúdos abordados em sala de aula. Dessa forma, nosso estudo quer contribuir com discussões para minimizar a potencialidade de violência no espaço escolar. Frente a isso a proposta é somatória a outras pesquisas que vem contribuindo nesse sentido.

A escola se constitui em um lugar de sociabilidade, como já dito, e como tal, reproduz relações existentes na sociedade, embora haja um esforço e empenho para que os estudantes possam interagir e se constituírem enquanto agentes transformadores da mesma. No entanto, a escola carrega todo esse tecido social que a compõe, muitas vezes escondendo seus preconceitos. Dessa forma, comungamos com os escritos de:

“Ao trabalhar a homossexualidade inserida na nossa tradição ocidental judaico-cristã, lidamos com uma temática que foi, e ainda é, de alguma maneira, vista e tratada como um pecado abominável, um crime, uma imoralidade. Segundo o antropólogo Luiz Mott (2003), a importância de estudar a homossexualidade na realidade brasileira é ter a possibilidade de desvendar as raízes do preconceito em nossa sociedade, contribuindo para erradicar a intolerância e a crueldade contra os homossexuais”. (MOLINA, 2011)



Ampliando o debate Fernando Seffner destaca o papel duplo desempenhado pela escola do contexto social tanto de local de alfabetização científica, como também local de sociabilidade. (SEFFNER, 2016)

## 2. METODOLOGIA

A partir do contexto analisado acima, optamos pela seguinte trajetória de atuação de pesquisa: abordar em sala de aula uma questão complexa, que entretanto, é muito vivenciada pelos jovens e adolescentes. Para isso, nos desafiámos em conhecer o lugar de fala e os discursos realizados pelos próprios estudantes referentes a temática da homofobia. Nesse sentido, foi aplicado um questionário e um curta do canal Põe na Roda do *You Tube*, E se fosse com você? (Por que criminalizar a homofobia?), além disso discutimos elementos visualizados no curta que trouxeram novidade aos estudantes. Essa prática buscou-se constituir-se em uma oficina, com duração de aproximadamente uma hora. É digno de nota que a referida oficina foi dividida na aplicação de um questionário com as seguintes questões: *Para você, o que é HOMOFOBIA?; Você já presenciou alguém sofrendo este tipo de preconceito no ambiente escolar?; Você já sofreu algum tipo de preconceito? Qual? O que isso representou? O que, na sua opinião, é necessário para acabar com a HOMOFOBIA? De que forma?* Foram observados para identificação, o sexo, a idade (até 15 e acima de 15 anos) e a renda (um salário mínimo, até três ou acima de três salários mínimos). Depois de preenchido, foi disponibilizado o curta, com duração de seis minutos e vinte e seis segundos, o mesmo apresentou um relato de pessoas que já sofreram homofobia, com depoimentos de transexuais, gays, lésbicas, bissexuais e heterossexuais, problematizando a criminalização da homofobia. O curta apresentou cenas dessa violência, bem como dados estatísticos, como por exemplo, a cada 28h um LGBT é morto, a expectativa de vida de um transexual é de 36 anos, que impactaram os estudantes, ao fim do curta foi lançado um questionamento ao público ouvinte: E se fosse com você?

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a exibição do curta, continuamos com nossa proposta de oficina motivando um breve debate. Ao início sugerindo que trouxessem elementos desconhecidos observados no curta, em seguida outros que corroboraram com a temática, como experiências no círculo de amizades, na família e na escola. Foi possível observar o impacto com os dados apresentados, sendo representativo desse impacto quando expressaram desconhecimento destas estatísticas.

Outro elemento passível de análise é a tipificação dos estudantes na questão de gênero, tendo presente que a maioria dos questionários foram respondidos por mulheres, pois dos 27 entrevistados, 20 eram mulheres e apenas 7 eram homens, isso deveu-se a própria composição da turma. Para o fim desta pesquisa um elemento relevante foi o aspecto que as respostas mais completas foram elaboradas pelo gênero feminino. Depois desse diálogo foi aplicado novamente o mesmo questionário, com a orientação de que relesem as questões e as refizessem, pedimos que observassem, atentamente a questão abordada sobre a homofobia. Foi proposto se permaneceriam com a resposta anterior ou desejariam realizar alterações. Dessa forma, quase a totalidade se dispôs a responder novamente o questionário proposto.



#### 4. CONCLUSÕES

A partir deste material poderemos aprofundar a temática e as reflexões sobre história e ensino, suas possibilidades e limites frente a temáticas consideradas complexas na contemporaneidade. Visto que, temos presente a importância desta prática também como diagnóstico da situação escolar e das violências que ficam invisibilizadas se não houver atenção para esse tipo de relação no processo de ensino aprendizagem.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

E SE FOSSE COM VOCÊ? (Porque criminalizar a homofobia?). Direção e Produção: **Põe na Roda**. Documentário, 6'26". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KXYtmju2mkw>. Acesso em setembro de 2016.

MOLINA, Luana. Pluralizando a arte de amar: a homossexualidade e a historiografia da trajetória do movimento homossexual. **MÉTIS: história & cultura**, Caxias dos Sul, v.10, n.20, p. 17-34, 2011.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Bassanezi Carla. O que e como ensinar: por uma história prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (Org.) **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2003. Cap.1, p.17-36.

SEFFNER, Fernando. Escola pública e professor como adulto de referência: indispensáveis em qualquer projeto de nação. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, v.20, p. 48-57, 2016.